

O papel do bibliotecário como mediador da informação científica na era da pós-verdade

Amanda Moura de Sousa (UFRJ) - amandamoura@if.ufrj.br

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo principal discutir teoricamente o papel do profissional da informação, em especial o bibliotecário, como mediador da informação científica para o usuário em geral na era da pós-verdade. A discussão é conduzida a partir de aspectos históricos da informação científica, com destaque para a relação do usuário com a informação a partir do uso da tecnologia. É proposta a interseção entre Ciência da Informação e Ciência Cognitiva para compreender aspectos subjetivos das necessidades de informação dos usuários para que os profissionais da informação possam desenvolver uma abordagem mais eficaz para a promoção de habilidades que direcionem o usuário para obter informação qualificada.

Palavras-chave: *Pós-verdade; Informação Científica; Ciência da Informação; Ciência Cognitiva*

Eixo temático: *Eixo 7: Comunicação científica, formação do bibliotecário e o ensino de Biblioteconomia.*

INTRODUÇÃO

Em 2016, a Oxford Dictionaries elegeu a palavra *pós-verdade* como a palavra do ano. Segundo o dicionário, a palavra pode ser definida como: “substantivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (POST-TRUTH..., 2016, tradução nossa).

O avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs), especialmente após a chegada das tecnologias de dados móveis, consolida o fenômeno pós-verdade por consequência da maior exposição dos usuários a um grande volume de informação, representando um desafio para a ciência e também para bibliotecários e profissionais da informação. Outra mudança que interfere nessa relação é “descentralização” da autoria motivada pela produção colaborativa e intertextualidade (MIRANDA; SIMEÃO; MUELLER, 2007).

O conhecimento científico, ao longo de sua história se estabeleceu na sociedade como instância máxima de credibilidade de discurso. À medida que seu desenvolvimento trouxe progresso e soluções para a vida do homem, enfrentou também resistência por parte da sociedade devido às crenças preexistentes ou pela dificuldade do diálogo científico com a sociedade (ROSA, 2005).

Com o intuito de reduzir a distância entre a informação científica e o público leigo, surgiram diversas revistas especializadas na divulgação científica se utilizando de linguagem simples e de fácil entendimento. Porém, diante da pós-verdade, a ciência precisa reinventar a forma como se comunica com a sociedade (MAKRI, 2017). Além dessas relações entre ciência e sociedade, ainda existem questões relativas à cognição do indivíduo que ajudam a compor a extensão da pós-verdade.

A partir desse panorama, o objetivo deste trabalho é conduzir discussão teórica acerca do papel do bibliotecário como mediador de informação científica para o grande público diante do problema que surge com as novas tecnologias: a aceitação pelo grande público de informações falsas (pós-verdade).

O estudo propõe uma abordagem interdisciplinar entre Ciência da Informação, Biblioteconomia e a Ciência Cognitiva à luz das teorias da mente. A justificativa do estudo é a necessidade das práticas biblioteconômicas explorarem questões mais subjetivas sobre o usuário para promover condições seguras para interpretação da informação.

MÉTODO DA PESQUISA

Por tratar-se de pesquisa teórica ainda em curso por ocasião do doutoramento em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (UFRJ), foi realizado levantamento bibliográfico para conduzir a discussão a partir de três eixos básicos:

- Conceituação de comunicação científica e divulgação científica, traçando uma breve contextualização do tema ao longo da história.
- Pós-verdade e temas que possibilitem orientar a atividade profissional do bibliotecário como mediador de informação.

- Breve estudo sobre teorias da mente e necessidade informacional para o entendimento de questões mais profundas do usuário e sua relação com a informação científica.

DISCUSSÃO

A informação científica acompanha as descobertas e avanços da ciência ao longo da história. A informação científica objetiva, essencialmente, documentar e tornar a ciência pública. Como veremos a seguir, o desenvolvimento e a expansão do conhecimento científico resultaram na classificação da informação científica em *comunicação científica e divulgação científica*.

Derek de Solla Price (1986) expõe que o conhecimento científico apresenta crescimento exponencial à medida que há mais interesse por determinado campo, e esse maior interesse é incentivado principalmente pela capacidade de uma área do conhecimento se comunicar entre os pares. Ainda segundo Price (1986, p.5), o aumento de sociedades científicas e de publicações proporcionou a “transição da pequena ciência para a grande ciência”. Portanto, a comunicação científica é um instrumento importante para o desenvolvimento da ciência, porém, não é capaz de aproximar ciência e sociedade, por utilizar linguagem específica para a comunicação entre os pares. Para aproximar ciência da sociedade, surge a divulgação científica.

Nesse trabalho, foi adotado como marco inicial da divulgação científica a obra de Galileu Galilei (1564-1642) *Diálogos sobre os dois sistemas máximos do mundo, ptolomaico e copernicano* (1632) escrita em diálogos e em italiano ao invés do latim, a língua ciência. Isto possibilitou que mais pessoas acessassem o texto. A partir do século XIX, a divulgação científica passa a ser estruturada em linguagem mais simples e em publicações específicas, aproximando mais a ciência da sociedade (MUELLER; CARIBE, 2010).

A partir da internet, a divulgação científica é facilitada principalmente por questões de acesso e pela variedade de conteúdo disponível sem as barreiras do espaço e do tempo. Essa facilidade, no entanto, traz consigo um problema para a divulgação científica em função da facilidade de manipulação das informações: a divulgação de falsos fatos científicos.

Apesar das notícias falsas alcançarem mais público no século XXI, elas não são necessariamente uma novidade¹. O que ocorre é a facilidade de disseminação e aceitação de informação falsa por ocasião da tecnologia e do tempo de exposição do indivíduo à informação, principalmente com o desenvolvimento de tecnologias móveis como *smartphones*, *tablets*, etc.

De acordo com o observado sobre a pós-verdade na introdução, as notícias falsas fazem apelo às emoções e às crenças coletivas e individuais. Por essa razão, este trabalho aborda alguns trabalhos que podem contribuir para a aproximação dos

¹ Como exemplo, o mito do uso de apenas 10% da capacidade cerebral surgiu no século XIX e perdura até os dias de hoje na crença popular mesmo com diversos estudos comprovando o contrário a partir dos anos 2000 (LOPES, 2016). No cenário brasileiro, a imprensa carioca durante a *A Revolta da Vacina* (1904) propagou diversos fatos que não eram comprovados cientificamente (VIEIRA, 2016). Estes fatos foram assimilados como verdadeiros por grande parte da população, iniciando a revolta contra a vacinação obrigatória.

bibliotecários (e demais profissionais da informação) com questões mais subjetivas a respeito da relação entre usuário e informação.

Para o presente trabalho, a compreensão dos componentes cognitivos particulares do indivíduo está alinhada aos modelos mentais de Johnson-Laird (2010, p. 18244, tradução nossa): “quando eles entendem uma descrição do mundo, eles podem construir uma representação similar, embora menos rica – um modelo mental do mundo baseado no significado da descrição e seu conhecimento.” A partir disso, observa-se que crenças e conhecimentos prévios, podem afetar como o indivíduo assimila a informação.

Além dos modelos mentais, uma abordagem cognitiva das emoções se relaciona intimamente com a pós-verdade, pois seu discurso é caracterizado pelo apelo emocional. Oatley e Johnson-Laird (2014) abordam três teorias cognitivas para as emoções. Dentre as três teorias, destaca-se a teoria das emoções comunicativas:

são sinais que estabelecem o corpo e a mente em modos que foram moldados pela evolução e pela experiência individual para levar uma pessoa a certos tipos de ações apropriadas ao evento genérico e para impor urgência a essas ações (OATLEY; JOHNSON-LAIRD, p. 135, 2014, tradução nossa).

Os estudos sobre a mente apresentados até aqui agregam conhecimento teórico que permite aos profissionais da informação conhecer aspectos particulares do usuário com objetivo de contribuir para o desenvolvimento de práticas para disseminar informação de qualidade, atendendo às necessidades dos usuários. A interseção entre a Ciência da Informação e a Ciência Cognitiva pode desenvolver habilidades que estão além das técnicas rotineiras dos bibliotecários, envolvendo a relação interpessoal e estimulando o letramento informacional dos usuários (NEVES, 2006).

Heersmink (2016), desenvolveu estudo acerca dos impactos do uso da internet para busca de informação na cognição do indivíduo. Embora acredite que há mais aspectos positivos que negativos na busca diária por informação na internet, o autor aponta que existem componentes intrínsecos ao indivíduo que podem causar dificuldades de memorização, principalmente se não há treinamento adequado para o uso seguro da informação.

Alguns estudos em Ciência da Informação ressaltam a importância de conhecer o usuário a partir da informação como um fenômeno social, propondo uma construção intersubjetiva da realidade (GANDRA; SIRIHAL DUARTE, 2012). Savolainen (2014) relaciona a influência de aspectos afetivos e emocionais no hábito de busca por informação, classificando as buscas por informação em tipos de acordo com as emoções e sentimentos que as direcionam. Essas abordagens são fundamentais para a orientação e o estímulo de senso crítico dos usuários em relação à pós-verdade.

Os aspectos emocionais, afetivos e cognitivos dos usuários de informação ressaltados nos estudos citados representam parte importante de qualquer estudo de usuários a ser realizado. Esses aspectos são subjetivos e isto representa um desafio para a metodologia a ser utilizada, exigindo um planejamento de execução consistente.

Dentre as diversas metodologias para estudo de usuários, Barros (2008) apresenta uma importante contribuição ao estudar as dimensões metacognitivas do comportamento de busca tanto dos profissionais da informação quanto dos usuários do Arquivo Público do Estado do Maranhão através de estudo empírico, análise documental, entrevistas e o protocolo verbal de David Ellis². Portanto, analisar o usuário a partir de seus aspectos cognitivos requer a realização de um trabalho complexo.

CONCLUSÕES

No mundo moderno, estamos mais conectados à informação através da internet muito em função dos dispositivos móveis. Essa facilidade de acesso aumenta o tempo de exposição dos usuários à informação sendo crucial para a consolidação da pós-verdade, afetando a relação dos usuários com a informação científica. Além da dificuldade histórica da ciência em se comunicar com a sociedade, aspectos cognitivos do ser humano favorecem a assimilação de informação científica falsa – uma das principais características do discurso presente na pós-verdade.

Aos profissionais da informação – enquanto mediadores da informação – cabe o estudo interdisciplinar entre Ciência da Informação e Ciência Cognitiva para incorporar à prática profissional diária o conhecimento das funções cognitivas que orientam os usuários na busca e assimilação da informação, como os modelos mentais e suas abordagens. Neste momento, os estudos de usuário são a chave para o aprimoramento da prática profissional. As conclusões apresentadas são relativas à parte de um estudo ainda em curso, que será melhor desenvolvido futuramente.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. S. **Dimensões metacognitivas no comportamento de busca de informação**: estudo do usuário no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM). 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/8525>>. Acesso em 15 set. 2017.

GANDRA, T. K.; SIRIHAL DUARTE, A. B. Estudos de usuários na perspectiva fenomenológica: revisão de literatura e proposta de metodologia de pesquisa. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 13–23, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10861/8573>>. Acesso em 30 ago. 2017.

HEERSMINK, R. The Internet, cognitive enhancement, and the values of cognition. **Minds and Machines**, v. 26, n. 4, p. 389–407, Oct 2016. Disponível em:

² Os estudos citados pela autora são:

ELLIS, David. A behavioural approach to information retrieval system design. **Journal of Documentation**, v. 45 n. 3, p. 171-212, 1989.

_____. A behavioural model for information retrieval system design. **Journal of Information Science**. v. 15, n. 4-5, p. 237-247, ago 1989.

<<https://doi.org/10.1007/s11023-016-9404-3>>. Acesso em: 01 set. 2017.

JOHNSON-LAIRD, P. N. Mental models and human reasoning. **PNAS**, v. 107, n. 43, p. 18243–18250, Oct 2010. Disponível em:

<<http://www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1012933107>> . Acesso em: 09 jul. 2017.

LOPES, R. J. A gente usa apenas 10% do nosso cérebro. **Superinteressante**, 31 out. 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/a-gente-usa-apenas-10-do-nosso-cerebro/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MAKRI, A. Give the public the tools to trust scientists. **Nature**, v. 541, n. 7637, p. 261–261, Jan. 2017. Disponível em: <<http://www.nature.com/news/give-the-public-the-tools-to-trust-scientists-1.21307>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MIRANDA, A.; SIMEÃO, E.; MUELLER, S. Autoria coletiva, autoria ontológica e intertextualidade: aspectos conceituais e tecnológicos. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 36, n. 2, p. 35–45, maio/ago. 2007. Disponível : <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652007000200004>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MUELLER, S. P. M.; CARIBE, R. DE C. DO V. A comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 13–30, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp13>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

NEVES, D. A. Ciência da Informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 35, n. 1, p. 39–44, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652006000100005>> Acesso em: 12 jun. 2017.

OATLEY, K.; JOHNSON-LAIRD, P. N. Cognitive approaches to emotions. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 18, n. 3, p. 134–140, Mar. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.tics.2013.12.004>>. Acesso em 06 abr. 2017.

POST-TRUTH. In.: **OXFORD Dictionaries**. Oxford: Oxford University Press, 2016. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PRICE, D. J. DE S. **Little science, big science... and beyond**. New York: Columbia University Press, 1986. 301 p.

ROSA, L. P. **Tecnociências e humanidades: novos paradigmas, velhas questões**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v.1.

SAVOLAINEN, R. Emotions as motivators for information seeking: A conceptual analysis. **Library and Information Science Research**, v. 36, n. 1, p. 59–65, Jan. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lisr.2013.10.004>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

VIEIRA, C. L. Oswaldo Cruz e a varíola: a revolta da vacina. **Superinteressante**, 31 out. 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/oswaldo-cruz-e-a-variola-a-revolta-da-vacina/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.